



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA – TEL

GABRIELA ALCANTARA DA SILVA

UM MERGULHO NAS ÁGUAS POÉTICAS DE THEREZA KOLBE

2022/2

BRASÍLIA

2023

GABRIELA ALCANTARA DA SILVA

UM MERGULHO NAS ÁGUAS POÉTICAS DE THEREZA KOLBE

Livro do rio e Do mirante

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Henryk Siewierski.

BRASÍLIA – DF

2023

“Não morre aquele que
deixou na terra a melodia de seu cântico
na música de seus versos”.

Cora Coralina

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero expressar a minha gratidão à Deus que me presenteou com vida, graça e amor. Eu nada seria sem a bondade do Senhor.

Agradeço profundamente a minha mãe, Vera Lúcia, por todo empenho no papel da maternidade. A forma dela de ser mãe modificou a minha ótica sobre o significado de amar. Noites em claro, cansaço e incertezas permearam a vida dela e eu espero, com a graça de Deus, ser capaz de retribuir todo o esforço produzido por minha mãe.

Agradeço a toda minha família pelo suporte e apoio durante esses anos, por acreditarem em mim e na minha capacidade. Gostaria de declarar o meu agradecimento especial à Raquel Silva de Negreiros, que me adotou como irmã desde o meu nascimento. Ela sempre foi um exemplo para mim por causa de sua inteligência, seu comprometimento e sua responsabilidade com a educação e especificamente com a ciência. Dedico também esse trabalho em memória de Djaci Magalhães e Francisca Negreiros, meus pais postiços que não estão mais no plano terreno, mas, se estivessem, sei que ficariam extremamente alegres por essa conquista.

Agradeço às minhas amigas que conheci no Ensino Fundamental e desde lá me acompanham nessa incrível jornada da vida e da educação. Expresso gratidão também as suas respectivas famílias sempre prestativas e acolhedoras. Júlia Dorneles, Mariana Saraiva, Rafaela Medeiros, Manuela Marangoni e Isabela Osterne sou grata por tudo o que elas fizeram por mim nesses anos, sem essas amizades eu não chegaria até aqui.

Agradeço também ao meu professor e orientador Henryk Siewierski por ter me apresentado a riqueza poética de Thereza Kolbe. Além disso, por ter se mostrado um profissional sublime, sensível e atento ao exercício de uma profissão tão genuína como a docência.

RESUMO

O presente trabalho objetiva expor parte da obra lírica de Thereza Kolbe, evidenciando fundamentalmente o elemento água como objeto poético. Assim, visa a análise e a valorização da poesia brasileira contemporânea. As análises dos poemas serão dispostas por meio da subjetividade concernente ao leitor e também dos fundamentos da teoria literária referentes ao gênero lírico. O aspecto linguístico dos poemas será explorado tanto no plano semântico como no pragmático. Além disso, o trabalho busca demonstrar a forte musicalidade presente na linguagem poética, o qual contribui para a reflexão sobre a importância de explorar o gênero lírico na educação básica.

Palavras-chaves: Gênero lírico; Poesia brasileira; Thereza Kolbe; Poesia contemporânea; musicalidade.

ABSTRACT

This work aims to show part of Thereza Kolbe's lyrical work, fundamentally highlighting the water element as a poetic object. Therefore, it intend to analyze and appreciate contemporary Brazilian poetry. Analyses of the poems will be arranged through subjectivity concerning the reader and foundations of literary theory relative to the lyrical genre as well. The linguistic aspect of the poems will be explored both on a semantic and pragmatic level. Furthermore, it seeks to demonstrate the strong musicality present in poetic language, which contributes to think thoughtfully about the importance of exploring lyrical genre in basic education.

Keywords: lyric genre; Brazilian poetry; Thereza Kolbe; contemporary poetry; musicality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
SOBRE OS TÍTULOS DOS LIVROS <i>DO MIRANTE</i> E <i>LIVRO DO RIO</i>.....	8
POEMAS SELECIONADOS: <i>Livro do rio</i>	9
***	9
CACHOEIRA.....	10
ONDE A VOZ DA ÁGUA FICA MAIS FORTE.....	12
RIO PROFISSÃO ÁGUA.....	14
POEMAS SELECIONADOS: <i>Do mirante</i>	17
LARGO E INSEGURO	17
LAÇOS DESFEITOS	18
O MAR SE AVOLUMA	20
PRESENTES.....	22
BREVE EXPOSIÇÃO DO GÊNERO LÍRICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E DO INCENTIVO A LEITURA DE POESIA	23
A POESIA DAS ÁGUAS DE THEREZA E O PARALELISMO COM A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA	25
A NOSSA FANTASIA.....	25
QUANDO EU FUI CHUVA	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
BIBLIOGRAFIA	29

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa mergulhar na riqueza poética de Thereza Kolbe por meio de análises de poemas selecionados das obras denominadas *Do mirante* e *Livro do rio*. Dessa forma, o objetivo fundamental é explorar o universo das águas presente na lírica de Kolbe. A natureza semântica do verbo “mergulhar” pressupõe o ato de partir da superfície para um lugar mais profundo. O que é a poesia senão um mergulho do eu lírico para espalhar no mundo o que há dentro das águas de seu coração?

A poesia apresenta-se como uma das principais ferramentas para desvendar o interior da alma e dos pensamentos humanos. Essencialmente a água constitui grande parte das belezas da vida, seja chuva, nascente, rio, cachoeira, lago, manancial, mar ou oceano. O elemento água em si possui muita dinamicidade e principalmente vida, pois até mesmo os cientistas aeroespaciais buscam por *H2O* em outro planeta para presumir se existe vida ou não naquele lugar.

Kolbe demonstra as variadas formas de representação poética da água. Ela transmuta este objeto externo para o interior de sua alma para compartilhar, em suas palavras, as águas que correm também no interior de seu ser. Logo, com meios concretos da escrita poética, se alcança a representação dos sentimentos, ideias e contextos evocados, simbolizados ou revelados a partir da incorporação e contemplação das águas. Além disso, a configuração topográfica do poema pode abarcar uma função icônico-simbólica a qual potencializa o significado do texto.

Dessa forma, os objetivos fundamentais desse trabalho são: valorizar a poesia brasileira contemporânea – partindo da análise do lirismo de Thereza Kolbe –, explorar o universo linguístico presente na temática das águas, analisar os planos semântico e pragmático dos poemas, abordar brevemente a importância do gênero lírico na educação básica, demonstrar a congruência existente entre o gênero lírico e a música brasileira.

SOBRE OS TÍTULOS DOS LIVROS *DO MIRANTE* E *LIVRO DO RIO*

Os livros *Do mirante* (2003) e *Livro do rio* (2005), por meio de seus títulos, sugerem que os seus universos temáticos possuem aparente congruência. As capas de ambos os livros apresentam imagens relacionadas a água, nesse caso, em duas formas distintas, pois o primeiro representa o mar e o segundo, como o próprio nome sugere, o rio. Contudo, tratando-se de poesia brasileira contemporânea não se espera que os livros se resumam a temáticas puramente descritivas.

Diante de uma obra de arte torna-se importante nos atentarmos a tudo, aos pequenos detalhes e aos detalhes gritantes. Ambos os livros têm seus títulos escritos com letra minúscula, talvez seja algo insignificante, mas tratando-se de arte poética a reflexão se atenta as letras, formas e escritas. Assim, possivelmente a opção pela letra minúscula pode ter o caráter simplesmente estético ou, além disso, o de demonstrar a beleza da simples escrita, a qual se apazigua para escutar pouco a pouco ou minúscula a minúscula as batidas dos fluidos corações.

A definição da palavra *mirante*, pelo dicionário Aurélio, é a seguinte: “Local, em ponto elevado, donde se apreciam vistas panorâmicas, e que pode ter muretas, ou constituir um pavilhão, com bancos, etc.” Assim, o título do livro corrobora exatamente para essa definição semântica. Um detalhe curioso na constituição desse título é a preposição “do” que transmuta a ideia de certa humanidade vivendo e contemplando o que o próprio mirante pode proporcionar, seja esse o mirante para belas paisagens naturais ou o próprio mirante da vida.

A definição da palavra *rio*, de acordo com o dicionário Aurélio, é a seguinte: “Curso de água natural que se desloca de nível mais alto para o mais baixo, aumentando progressivamente até desaguar no mar, num lago ou em outro rio.”; “Aquilo que corre como um rio.”; “Grande porção de líquido.” Portanto, o rio pragmaticamente demonstra sua grandeza e relevância para a natureza. Onde existe um rio, ali há de existir fartura de todas as formas de vida. O *Livro do rio* carrega, em sua forma denotativa, a simples ideia de um livro que aborda a temática do rio. Contudo, tecendo a observação diante da linguagem conotativa podemos presumir que trata-se de um livro que aborda a temática do singelo e ao mesmo tempo sublime movimento das águas da vida.

O título de um livro carrega parte fundamental da constituição de seu conteúdo interior. O título pode atrair ou afastar leitores. Além disso, a combinação da capa e do título abrem margem para uma apreciação estilística a qual pode culminar em reflexão filosófica. Dessa forma, *Do mirante* e *Livro do rio* formam, individualmente, um belo arranjo artístico para fundamentar aspectos dos poemas que virão após o leitor abrir ambos os livros.

POEMAS SELECIONADOS: *Livro do rio*

com seus encantos
 ele vai além dos limites
 expandindo seu
 territó rio de vida
 ele se arruma largo e nunca descansa
 é um rio que exige
 atenção
 sua vontade de mudar
 deve ser seguida
 e nos levará longe
 (p.11)

A palavra “território” é definida pelo dicionário Aurélio como: “Extensão considerável de terra. Área dum país, duma província, etc. Base geográfica do Estado (solo, rios, lagos, baías, portos, etc.), sobre a qual exerce ele a soberania.” Logo, este é o seu caráter semântico. Contudo, a autora opta por modificar a forma da palavra no momento em que a divide silabicamente isolando o afixo “rio”. Portanto, a ruptura morfológica que resulta em “*territó rio*” gera, no poema o seu sentido poético, o qual torna-se completo na frase “*territó rio de vida*”.

Assim como exposto, a definição da palavra “território” abarca também o sentido da geografia de um Estado possuir rios, lagos, baías, portos e etc. Logo, a significação aquífera está contida em sua forma morfológica basilar. O “*territó rio de vida*” se expande, *se arruma largo e nunca descansa* porque em si e de si flui vida e não há nada mais enérgico do que o movimento das águas de um território com rio de vida.

Um rio que exige atenção demonstra a sua relevância, pois pode apresentar surpresas, perigos, defesas, medos e singularidades. Nos versos “*sua vontade de mudar/ deve ser seguida/ e nos levará longe*” é possível trazer à memória a filosofia de Heráclito, o qual utilizou como exemplo metafórico o rio. Assim a reflexão apresentava-se da seguinte maneira: o mesmo indivíduo não conseguiria banhar-se duas vezes no mesmo rio, pois tanto ele quanto o rio já

não seriam os mesmos. Logo, a mudança apresenta-se como uma ação fundamental concernente ao ser humano e a natureza.

Atribuir a característica de *vontade* ao rio conduz a construção de sua identidade como uma espécie de persona. Dessa forma, o rio é dotado de diversos movimentos humanos como o caráter da vontade. Assim, as águas desse rio possuem um desejo inerente à sua existência, assim como o corpo humano possui suas necessidades, a vontade de mudança.

CACHOEIRA

rio que se dá noutro
 e se naturaliza água
 água em alta e veloz
 idade inclinada
 sobre o precipício
 água que nada indaga
 apenas se mostra
 e melhor se descobre
 em queda contínua
 fluida compacta
 água anjos homens
 em névoas notáveis
 descobrindo o caminho
 das alturas de si mesmo
 em reino impalpável
 (p. 22)

O próprio título do poema já sugere o tema sobre o qual a poeta irá discorrer. A definição de cachoeira é simplesmente significar o movimento da *queda-d'água*. Se a natureza poética tratasse a vida e seus elementos de forma objetiva, deixaria a sua insígnia identidade de ser o retrato subjetivo do olhar humano. Portanto, uma poeta dificilmente definiria cachoeira pelo seu simples significado no dicionário. É possível observar esse fundamento no gênero lírico por meio de Hegel na sua Estética:

O que forma o conteúdo da poesia lírica não é o desenvolvimento de uma ação objetiva alargando-se até aos limites do mundo, em toda a sua riqueza, mas o sujeito individual e, por conseguinte, as situações e os objetos particulares, assim como a maneira segundo a qual a alma, com os seus juízos subjetivos, as suas alegrias, as suas admirações, as suas dores e as suas sensações, toma consciência de si própria no seio deste conteúdo. (HEGEL, 1994, p.167)

Assim, mergulhemos nas águas dessa Cachoeira. Os trechos *rio que se dá noutro / e se naturaliza água* traduzem o simbólico encontro entre dois rios, que se igualam por serem constituídos do mesmo elemento, a água. Afinal os encontros da vida são exatamente o movimento de diferentes pessoas que ao final são semelhantes por constituírem os mesmos arranjos fisiológicos, espirituais, e por terem os mesmos anseios emocionais.

Os versos *água em alta e veloz / idade inclinada / sobre o precipício* propõem características que trazem ao imaginário a própria cachoeira. Além disso, *idade inclinada / sobre o precipício* traduzem com profunda poesia o significado objetivo de queda-d'água atribuído à cachoeira. A palavra idade remete também aos seres vivos que existem no tempo e assim, desde o nascimento, carregam em seus dias o cronômetro da idade.

As caracterizações da água trazem adjetivos que a personificam como: *água que nada indaga/ apenas se mostra/ e melhor se descobre/ em queda contínua*. Não indagar, se mostrar e se descobrir são ações do ser humano perante as inúmeras circunstâncias da vida. Apenas um ser dotado de psique poderia sentir, pensar e analisar da forma descrita. Além disso, o trecho *em queda contínua* consegue representar tanto as águas da cachoeira como o próprio movimento da existência, se considerarmos essa queda também como o passar dos anos que se mostra objetivamente por meio dessa *idade inclinada*.

Um dos versos mais significativos no poema é *fluidacompacta*, pois em sua forma aparecem duas palavras unidas, fluida e compacta. Ambas palavras se apresentam, por sua semântica individual, antônimas, pois como é possível algo fluido ser ao mesmo tempo compacto? A resposta se dá por meio da morfologia lírica que conjuga opostos: *fluidacompacta*. Essa construção poética se refere a uma única caracterização da água, que se apresenta dupla.

O verso *água anjos homens* carrega a essência da mensagem, pois demonstra que o poema não trata apenas de uma queda-d'água, mas sim do movimento regressivo de outros seres. Assim, água, anjos e homens são passíveis de vivenciar a mesma queda, porém de forma distinta. O verso é construído sem vírgula como se todos esses sujeitos significassem seres semelhantes em ações e sentimentos.

Thereza Kolbe possui um movimento marcante na maioria de suas poesias que é a utilização de algumas figuras de linguagem específicas como antíteses, metáforas e paradoxos. O verso seguinte *em névoas notáveis* é um dos inúmeros exemplos da constante ideia de oposição que a autora aborda em seus poemas. A dinamicidade da vida cobra a objetividade das ações, pensamentos e sentimentos, contudo, o movimento natural dessa vida muitas vezes incumbe contrastes.

O poema finaliza com os versos: *descobrimo o caminho / das alturas de si mesmo / em reino impalpável*. Os sujeitos água, anjos, homem são os que desempenham a função de descobrir o caminho das alturas interiores. O verso “*das alturas de si mesmo*” carrega grande força e simbologia, pois ao retornarmos ao título do poema, possivelmente a característica que atribuímos à cachoeira é justamente a condição de sua altura. Interessante também é refletir que a queda pressupõe a existência de um local alto, seja ele físico ou abstrato. A altura também caminha ao lado da ideia de inalcançável, difícil ou intangível. Por isso, as *alturas de si mesmo* encontram-se *em reino impalpável*.

ONDE A VOZ DA ÁGUA FICA MAIS FORTE

estamos quase chegando
 e já contemplada
 a cachoeira perfeita
 não perde tempo
 pois é na queda
 que a voz d'água
 fica mais forte
 parece que nunca
 vai se acabar
 encantada pela sua festa
 são reacesos delírios
 cheios de estrelas
 mal escondidas
 aqui bem à vista
 o faz de conta é a vida
 com delicadezas sem fim

empino meu arco-íris
sou apenas uma menina
poeta dominada pelo
que só a vida sabe dar
 sobem as águas
 subo com as águas
à profundidade transfigurada
deste lugar onde sou
 com a paisagem
eleita e convidada
(p. 39)

O título do poema já carrega uma sensibilidade poética belíssima. Thereza Kolbe utiliza muito do recurso da personificação em sua poesia, a partir desse título podemos presumir isso. A voz é um recurso que representa vida principalmente a partir da humanidade, pois quem tem voz comumente carrega uma mensagem. Além disso, o artifício da voz é uma das formas de exprimir os pensamentos, assim como a escrita. Portanto, o poema retrata o local onde a voz poética ganha mais evidência e relevância.

O poema inicia como se já houvesse uma história anterior, a qual podemos supor ser uma longa caminhada com o objetivo final de se banhar ou apenas apreciar as águas da cachoeira, a qual é atribuída o adjetivo *perfeita*. Essa cachoeira não perde tempo pensando ou calculando a sua rota, ela apenas segue o sentido para o qual foi destinada: a queda.

Os trechos que inspiram o nome do poema “*pois é na queda/ que a voz d’água/ fica mais forte*” traz nas entrelinhas uma mensagem sublime sobre a arte de viver, não importando qual seja a forma de vida. A potência da condição de queda está na percepção de sua beleza diante de seus algozes. A identidade da cachoeira é justamente definir-se por queda-d’água, a qual traz encanto ao que parecia tristeza. A queda carrega a prerrogativa da dor, de algo a ser evitado, de um período que proporciona medo e apreensão.

A voz que fica eloquente, justamente pelo movimento da queda, parece que nunca irá se findar, logo produz uma continuidade de sua existência. Onde a voz da água fica mais forte, precipita encantos pela sua festa a qual são *reacesos delírios/ cheios de estrelas*. O primeiro verso também poderia se apresentar como “*são reacesos delírios*”, levando em consideração a linguagem poética de Kolbe que busca evidenciar elementos constituintes de água.

O poema se recoloca expondo vividamente a ótica do eu lírico, versos extremamente significativos demonstram a relevância do tratar das letras como o pulsar do coração. Todas as figuras abstratas e não pragmáticas como os *delírios* são o *faz de conta*, que é a vida. Esse argumento apresenta leveza para viver esse *faz de conta* tão real para o eu lírico que lê o eu lírico disposto em cada verso. As águas movimentam a jornada e o corpo se molda diante da fluidez de águas que sobem e descem.

Outro aspecto interessante é a forma como o poema é disposto, no sentido de sua disposição gráfica, a qual não segue uma linearidade constante e apresenta espaços entre versos específicos. Essas disposições gráficas exercem uma função semiótica fundamental no texto lírico como Aguiar e Silva afirma:

Os *tipografismos* relevantes no texto lírico podem concernir a correlação dos grupos sintagmáticos impressos com os espaços brancos da página, as relações espaciais estabelecidas entre as linhas impressas, o tipo de letra utilizada, o emprego de maiúsculas e de minúsculas, a utilização de grafismos não tipográficos, etc. Alguns destes tipografismos estão correlacionados com as regras e as convenções métricas - os espaços brancos na margem esquerda e na margem direita da página individualizam cada verso, os espaços brancos a toda a largura da página delimitam cada estrofe ou cada sequência de versos, etc. -, mas outros parecem ter uma função semiótica autônoma em relação quer às estruturas linguísticas, quer às regras e convenções métricas, exercendo-se essa função sobre a globalidade da estrutura textual. (AGUIAR E SILVA, 1993, p. 590)

RIO PROFISSÃO ÁGUA

rio profissão água
 correntes letras es
 petáculo de bases
 louváveis
 como é bom par
 ticipar de tamanho
 espetáculo
 trazendo notícias
 que nos deixam
 um tanto agitados

no mundo das
 mudanças nem sempre
 pacíficas lá vem ele
 com seus dotes
 soltando a mente
 e o coração que pode
 partir e prefere par
 tir ficando sempre
 no mundo da imaginação
 (p. 47)

Nesse poema o próprio título já carrega em si uma notável característica de Thereza Kolbe, em grande parte de suas obras *Livro do rio* e *Do mirante*, a qual é a personificação de elementos naturais como o rio. Essa ferramenta define-se, primordialmente, como uma espécie de metáfora, assim como afirma (Garcia, 1975, p. 84):

Há uma infinidade de metáforas constituídas por palavras que denotam ações, atitudes ou sentimentos próprios do homem, mas aplicadas a seres ou coisas inanimadas: o Sol nasce, o dia morre, o mar sussurra, mar furioso, ondas raivosas, dia triste... É uma espécie de ‘animismo’ ou ‘personificação’.

Dessa forma, o *rio* assume uma característica basilar da existência humana, a necessidade de subsistência, a qual se define por profissão. Logo, o recurso linguístico da personificação permite uma grande preciosidade poética como “*rio profissão água*”, a qual atribui o conteúdo fundamental do rio como o seu ofício.

O rio revelado aqui não carrega somente o seu significado habitual de forma objetiva, pois nos versos seguintes ele se revela como meio para as letras escorrerem por suas águas, o que as torna fundamentalmente poéticas. Assim, desse rio correm letras, palavras, frases, orações, parágrafos, textos, notícias etc. Logo, o rio apresenta-se como uma espécie de metalinguagem poética, pois se refere a elementos fundamentais para a construção de sua poesia.

A apresentação visual do poema possui caráter emblemático, pois o conteúdo de sua lírica se desenvolve também pelo desmonte que algumas palavras apresentam no decorrer dos versos. Podemos visualizar esse movimento a partir do segundo verso: *correntes letras es / espetáculo de bases / louváveis*. A palavra espetáculo divide-se na intenção de gerar a sensação

dessas letras que correm e fluem nesse rio onírico, que irá confirmar tal adjetivo ao final do poema.

O poema segue a dividir e a ajuntar palavras, letras, sílabas e seus significados como: *como é bom par / ticipar de tamanho / espetáculo*. A divisão de “participar” possibilita uma dupla e congruente leitura, na qual o excerto “par” remete a ideia de união a um ser pelo qual se possui grande estima ou amor. Concomitantemente, a palavra em sua forma coesa e completa tem por definição comunicar e ser parte de um todo. Que parte e qual todo seriam esses? A resposta se revela no decorrer do rio exposto nos versos de Thereza Kolbe.

O *espetáculo* que agora apresenta-se visualmente inteiro é o todo sobre o qual o eu lírico torna-se parte. Esse *espetáculo*, que é desenvolvido durante a *profissão água* do rio, traz notícias que deixam aqueles que as recebem *agitados* e apreensivos. Mais importante ainda é o contexto em que o espetáculo se apresenta: *no mundo das / mudanças nem sempre / pacíficas lá vem ele / com seus dotes*. As mudanças no mundo, de fato, nem sempre são pacíficas. O teor da palavra *mudança* já carrega em si mesma certos e incertos medos e expectativas. Além disso, a mudança produz fundamentalmente um desconforto. Logo, o caráter dessa palavra gira, impulsiona e movimenta o curso das águas da vida.

O rio *profissão água* atravessa as mudanças, por vezes desconfortáveis, com o auxílio de seus *dotes* demonstrados nos seguintes versos: *soltando a mente / e o coração que pode / partir e prefere par / tir ficando sempre / no mundo da imaginação*. A mente e o coração apresentam simbologias muito relevantes, pois a mente representa aquilo que pode ser medido, pensado e contestado. Já o coração trata do que torna-se intangível para a mente, pois sentimentos e emoções muitas vezes não podem ser explicados pela razão da objetividade.

O poema prossegue se valendo da cisão poética das palavras, pois o coração que pode *partir*, prefere *par*. Isso significa que diante das alternativas entre ficar e partir, na verdade o coração optou pela companhia, por dividir, amar e ser amado. E termina optando por ficar sempre *no mundo da imaginação*, o que confirma o caráter onírico dessa poesia. O mundo da imaginação não propõe regras ou bloqueios, aquilo que a mente e o coração imaginam é disposto, realizado e real na dimensão do imaginário poético.

POEMAS SELECIONADOS: *Do mirante*

LARGO E INSEGURO

Largo e inseguro
 mar de ondas frívolas
 com espumas de hábitos alvos
 viajando nestas águas
 de luz e de sombra
 onde um barco perdido
 veio dar neste canto.

Exposta ao sol e ao arco-íris
 me estendo onde brotam
 visões com gosto de sal
 e lampejos de avisos.
 (p. 09)

Largo e inseguro são adjetivos bastante apropriados ao se tratar do mar, pois o ser humano ao se posicionar em frente ao mar possui a certeza da grandiosidade dele e de sua largura infinda. Além disso, o homem ao se lançar ao mar enfrenta a certeza de sua pequenez, assim é exposto a dúvidas e inseguranças internas, pois enxerga no mar o curso da vida em que não se sabe de onde vem e nem para onde vai. Mar que é vasto e grande, impossível ver o começo e inconcebível crer no seu fim.

O mar é caracterizado por ondas frívolas, as quais abarcam dois significados, o primeiro seria um sinônimo de fútil e o segundo a característica de volubilidade. Ambos conceitos podem ser relevantes na poesia, pois no primeiro caso pode demonstrar uma ação contínua desimportante, como o movimento das ondas, que se caracterizam por frívolas por supostamente não ter utilidade ou objetivo específico. Diante do segundo significado, a característica volúvel das ondas do mar tem em todo imaginário a sua veracidade.

O verso *com espumas de hábitos alvos* expressa mais uma característica das ondas do mar. Na análise poética é necessário refletir a respeito do conteúdo de cada palavra escolhida

pelo autor. Assim, a palavra hábito tem a sua expressão como “disposição adquirida pela repetição frequente dum ato; uso, costume”, de acordo com o dicionário Aurélio. Logo, a relevância de um hábito é a sua consistência temporal de manter repetidos movimentos. Além disso, essas espumas são de *hábitos alvos*, o que revela a constante busca por pureza nessa jornada náutica.

Nesse poema o eu lírico faz uma viagem pelas ondas do mar, caracteriza o meio no qual está imerso e vive a solidão de navegar *nestas águas de luz e de sombra*. O barco perdido estaciona em um canto que não aparenta ser especial ou diferenciado, este é apenas um canto entre todos os outros que existem. Durante a viagem, o eu lírico, o qual apresenta seu caráter feminino e que podemos supor ser Thereza, é *exposta ao sol e ao arco-íris*. Tais palavras apresentam belas imagens exteriores, porém que contém a mensagem do interior do eu lírico.

Os trechos finais do poema: *me estendo onde brotam / visões com gosto de sal / e lampejos de avisos*; demonstram características usuais da lírica de Thereza Kolbe, as quais Luiz Angélico da Costa expõe na orelha de “7(t)imo livro”: “Desta marca registrada de originalidade que povoa sua obra poética, resulta-se o puro deleite juvenil com os tropos em geral, o cotejar habitual de manifestações sinestésicas, as frequentes antíteses oníricas.”

LAÇOS DESFEITOS

passo na rua cheia de passos

passo passo

e não deixo rastros

no imprevisível chão

por onde passo

levo meus passos sem pressa

na ida sem volta

sem dor e sem festa

levo na brisa meus passos

levo contente displicente levo

meus passos centelhas

de estrelas cadentes

levo sem medo meus passos
 clareiras sem luz
 ondas sem curvas
 toques sem tato

atos atos de pés sempre atentos
 nos caminhos repletos de laços
 desfeitos que faço
 por onde passo
 (p. 13)

Este poema não parece encaixar-se na proposta do mergulho nas águas poéticas de Thereza Kolbe, pois de forma evidente não existem elementos que remetem a essas águas. Contudo, a natureza poética propõe um mergulho no interior do coração do eu lírico. Vitor Manuel de Aguiar e Silva apresenta essa relação entre o interior e o exterior do eu lírico:

O mundo exterior, todavia, não representa para o eu lírico uma objetividade válida enquanto tal, pois constitui um elemento semântico-pragmático do texto lírico somente enquanto se projeta na interioridade do poeta, enquanto se transmuda, nas “galerias da alma” a que se refere Eugénio de Andrade, em revelação íntima e ao mesmo tempo cósmica. (Aguiar e Silva. Teoria da Literatura, p. 584)

A primeira estrofe do poema constrói um enredo, o qual por meio da escolha e repetição de palavras faz com que se tenha a ideia de movimento como: *passo na rua cheia de passos / passo passo*. Essa leitura traz vida e significado a um ato comum de caminhar em direção a algum lugar. Até mesmo o chão transporta a poesia por carregar imprevisibilidade. Além disso, Thereza prossegue utilizando as suas antíteses oníricas, ideias contrapostas, pois o caminho apresenta o passo de outros que por ali estiveram, mas somente os passos desse eu lírico não deixam rastros.

O eu lírico, na segunda estrofe, apresenta um referencial sobre o tempo: *levo meus passos sem pressa*. O tempo abrange todo o poema, pois do início ao fim há o retrato do processo de mudança dos laços afetivos do eu lírico. Os versos *na ida sem volta / sem dor e sem festa* demonstram o movimento contínuo de apenas caminhar sem pensar e nem sentir.

A terceira estrofe demonstra a criatividade do imaginário poético, pois a lírica alcança lugares e sentimentos intangíveis pelo pragmatismo de outros gêneros textuais. Assim os versos *meus passos centelhas / de estrelas cadentes* demonstram mais uma vez o caráter onírico da composição poética de Thereza Kolbe.

Os paradoxos são evidenciados na quarta estrofe, pois trazem a oposição de ideias pragmaticamente congruentes, mas que na imersão interior do eu lírico apresentam divergências como: *clareiras sem luz / ondas sem curvas / toques sem tato*. A significância desses versos revela a complexidade dos laços que anteriormente foram atados e que estão prestes a serem desfeitos.

O poema tem o seu desfecho posicionando a ótica inicial de se observar os passos, os quais no final apresentam-se como: *atos atos de pés sempre atentos*. “Atos” aqui tem o significado do verbo conjugado “atar”, que significa sucintamente amarrar ou enlaçar. Dessa forma, o eu lírico atravessa *caminhos repletos de laços*, que ao invés de cultivá-los progride para o movimento contrário de desfazê-los por onde passa.

O MAR SE AVOLUMA

o mar se avoluma
eu te rodeio

uma visão salta
a hora é alta

sonâmbula navego
secreto sol feito

luzes de calor
e reflexos em minha boca

com dedos acesos
procuro teu corpo

girassóis incontidos

descobrem tuas roupas

essência que desperta

ondas magnéticas

(p. 31)

O título do poema não expõe, necessariamente, o objeto principal dessa lírica. O mar aqui assume o papel de auxiliar para a ideia principal que é explorar o outro. Dessa forma, a poesia inicia transportando o imagético do mar e de duas pessoas imersas nesse avolumar. O eu lírico opta por orbitar o mundo do outro, ou seja, por estar o mais próximo possível, assim a “visão salta e a hora é alta” porque o referencial de tempo apresenta-se, naquele contexto, em seu mais temporal tardar.

A terceira e a quarta estrofes (*sonâmbula navego / secreto sol feito / luzes de calor / e reflexos em minha boca*) demonstram bem a análise de Luiz Angélico da Costa:

Há muito do essencialmente dramático na poesia de Thereza Kolbe. Não em termos de enredamento do acontecido, mas na elaboração aparentemente descosida das relações entre a palavra e o fato poético. Thereza parece comprazer-se com a feitura por vezes enigmática (embora nunca esterilmente hermética) da sua construção poética. (Transcriador: Angélico da Costa, Luiz. 7(t)imo livro. 2012.)

As manifestações sinestésicas, as quais Luiz Angélico da Costa também se refere, podem ser observadas nos *reflexos* que tocam a boca do eu lírico, em um movimento de apreciação do convencional, como os raios do sol.

As três últimas estrofes demonstram o ato de apreciar e também explorar o outro em sua mais empírica manifestação, o corpo. A intimidade é expressa ao longo de versos como: *com dedos acesos / procuro teu corpo*. Dessa forma, a manifestação concreta dessa intimidade também se coloca em parâmetro abstrato pois o eu lírico constrói o imaginário de: *girassóis incontidos / descobrem tuas roupas*. Por fim, todo esse caminho de intimidade entre corpos que buscam navegar no mar interior do outro se conclui em sensações de ondas magnéticas.

PRESENTES

presentes que se trocam
 o mar que nos embala
 ternamente
 entre ondas de instantes
 o mar do que me basta
 o mar do que me falta
 ressoante
 meu coração voando
 alegria de lhe ver
 quando fui lhe abraçar
 você ficou
 distante
 (p. 46)

“Presentes” é um dos mais belos poemas de Thereza Kolbe, isso se dá porque consegue expressar de forma sublime sentimentos profundos. Essa profundidade de expressão se coloca já nos primeiros versos, pois os presentes que se trocam aparentam ser dois corações entregues simultaneamente um ao outro. O mar embala ternamente esses dois amores, conserva, cuida e os protege. Assim as palavras de Henryk Siewierski, apresentadas na orelha do livro *Do mirante*, comprovam a imensidão da lírica de Thereza:

Talvez por isso é que surpreendem a musicalidade dos seus poemas e suas imagens, frutos de uma parceria com os elementos, alguns privilegiados, como o vento e as águas do mar e, o mais privilegiado de todos, o elemento amor. Além de surpreender, os poemas *Do mirante*, são capazes de prender o leitor com seus “sinais de luz que ofuscam o esforço físico da palavra corrida”, suas “ondas de sílabas notáveis” em que se miram e correspondem o coração e o mundo. (Siewierski, H. *Do mirante*, 2003.)

A imensidão do mar é representada pelas ondas de instantes, as quais temporalizam curtos momentos, e este curto espaço de tempo não anula a sua importância, pelo contrário o valoriza ainda mais. Assim o mar faz suas contraposições pois o mesmo eu lírico que afirma “o

mar do que me basta”, também apresenta “o mar do que me falta”. Essas águas, em toda complexidade, se revelam na poesia do interior do eu lírico:

O ato poético é o empenho total do ser para a sua revelação. Este fogo de conhecimento, que é também fogo de amor, em que o poeta se exalta e consome, é a sua moral. E não há outra. Nesse mergulho do homem nas suas águas mais silenciadas, o que vem à tona é tanto uma singularidade como uma pluralidade. (ANDRADE, E. Poesia e prosa. 1990, p. 83)

Os últimos versos do poema deixam evidente a explosão de sentimentos vivida pelo eu lírico, pois o coração já não se encontra nele e sim voando sobre a imensidão do mar. Revela também a alegria ao ver aquele a quem ama, e num ato de demonstração, como o abraço, percebe que esse amado ficou distante. O mar da vida pressupõe encontros e desencontros, sendo que esses não necessariamente se revelam ao mesmo tempo. Por isso, o mar do amor requer sabedoria, entrosamento, sinceridade e perdão para que um abraço não se esvaia em solidão.

BREVE EXPOSIÇÃO DO GÊNERO LÍRICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E DO INCENTIVO A LEITURA DE POESIA

A licenciatura é o que motiva a presente monografia, portanto buscarei expressar a relevância de abordar o gênero lírico na educação básica, focalizando primordialmente a poesia brasileira contemporânea por meio das obras de Thereza Kolbe. O gênero lírico é um dos melhores caminhos para o incentivo a leitura, pois é a forma de escrita com maior dinamicidade e pela qual uma identificação do leitor tende a ser mais rápida, diante do tamanho do texto lírico.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aborda a relevância do gênero lírico na formação dos estudantes brasileiros:

Para tanto, as habilidades, no que tange à **formação literária**, envolvem **conhecimentos** de **gêneros narrativos e poéticos** que podem ser desenvolvidos em função dessa apreciação e que dizem respeito, no caso da **narrativa literária**, a seus elementos (**espaço, tempo, personagens**); às escolhas que constituem o estilo nos textos, na configuração do tempo e do espaço e na construção dos personagens; aos

diferentes **modos de se contar uma história** (em primeira ou terceira pessoa, por meio de um narrador personagem, com pleno ou parcial domínio dos acontecimentos); à **polifonia** própria das narrativas, que oferecem níveis de complexidade a serem explorados em cada ano da escolaridade; ao fôlego dos textos. No caso da **poesia**, destacam-se, inicialmente, os efeitos de sentido produzidos por recursos de diferentes naturezas, para depois se alcançar a dimensão imagética, constituída de processos metafóricos e metonímicos muito presentes na linguagem poética. (BNCC. Língua Portuguesa – Ensino Fundamental – Anos iniciais. p.138)

Assim, torna-se evidente que a poesia, com seus diversos aspectos, faz parte indissociável da formação literária na educação básica. Outro reforço importante para o ensino da poesia, é a relação do gênero lírico com a música. Diante do contexto contemporâneo, percebe-se que a música tem grande influência sobre a maioria dos alunos. Dessa forma, podemos lembrar Paulo Freire que defendia um ensino ativo, no qual o aluno era protagonista do processo educativo. Logo o ensino torna-se mais eficaz no momento em que o professor explora o universo do aluno, nesse caso o ambiente da música.

Atividades que estimulem a comparação entre letras de músicas e poesias são válidas por desenvolverem a análise crítica dos alunos. Assim, a reflexão e apreciação de formas artísticas diferentes culmina em um cidadão plural, vide BNCC:

“O campo artístico é o espaço de circulação das manifestações artísticas em geral, contribuindo para a construção da apreciação estética, significativa para a constituição de identidades, a vivência de processos criativos, o reconhecimento da diversidade e da multiculturalidade e a expressão de sentimentos e emoções. Possibilita aos estudantes, portanto, reconhecer, valorizar, fruir e produzir tais manifestações, com base em critérios estéticos e no exercício da sensibilidade.” (BNCC. Língua Portuguesa – Ensino Médio p. 489)

A POESIA DAS ÁGUAS DE THEREZA E O PARALELISMO COM A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

O fato da lírica de Thereza, além do seu ritmo e musicalidade, dispor de diversos elementos naturais faz com que semelhanças sejam observadas entre músicas consagradas do imaginário popular brasileiro e vários poemas da autora. Citarei a seguir alguns exemplos, como a impecável canção de Djavan nomeada como “Oceano”, a qual possui em seus versos: *Vem me fazer feliz, porque eu te amo / Você deságua em mim, e eu, oceano*. Paralelamente podemos observar a congruência dessa canção com os versos do poema “A se alargar”: *sinto Teu corpo fundo vagar / feito canção a se ondular. / espuma antiga em Ti se perde / ilude, ativa, e não se mede*.

A proximidade entre a música e a lírica de Thereza é evidenciada na análise de Luiz Angélico da Costa, tradutor dos poemas do *7(t)imo livro*:

Acrescente-se ao que se disse antes sucintamente a envolvente musicalidade de seus versos, não só pela dicção personalíssima, mas igualmente pelo extraordinário poder evocativo dos elementos característicos dos fatos e atos poéticos de sua escolha – elementos da natureza, com preponderância do mar, dos rios, vales, ventos, nuvens, flores em profusão, pássaros, sons e silêncios, em que há sempre uma profunda identificação do “eu” poético com as pessoas e os seres viventes em geral, captados e perenizados pelas lentes de uma imaginação incansavelmente em curso.

A chuva na poesia de Thereza Kolbe:

A NOSSA FANTASIA

a chuva é

a nossa fantasia

no novo sambódromo

o rio se destaca

sendo só

água em correntes

que ganham
o clímax do de lírio national

puro festival d'água
onde rebolando com toda graça
meu peixinho porta bandeira
dá a coroa do prêmio
onde se lava

(*Livro do rio*, p. 69)

A chuva na música brasileira, interpretada por Maria Gadu, composta por Caio Soh e Luis Kiari:

QUANDO EU FUI CHUVA

Quando já não tinha espaço pequena fui
Onde a vida me cabia apertada
Em um canto qualquer acomodei
Minha dança os meus traços de chuva
E o que é estar em paz
Pra ser minha e assim ser sua

Quando já não procurava mais
Pude enfim, nos olhos teus vestidos d'água
Me atirar tranquila daqui
Lavar os degraus, os sonhos e as calçadas

E assim no teu corpo eu fui chuva
Jeito bom de se encontrar
E assim no teu gosto eu fui chuva
Jeito bom de se deixar viver

Nada do que eu fui me veste agora
Sou toda gota, que escorre livre pelo rosto
E só sossega quando encontra a tua boca

E mesmo que em ti me perca
Nunca mais serei aquela
Que se fez seca
Vendo a vida passar pela janela

Os exemplos acima apresentados evidenciam como a poesia e música popular contemporâneas do Brasil, além de acompanhar as transformações do gênero lírico na modernidade, nutrem-se também do que já estava na origem da poesia lírica, ou seja, a sua musicalidade e o caráter de evocação sortílega. São valores que na sua definição do gênero e do texto lírico destaca Aguiar e Silva (1993):

O caráter não narrativo e não discursivista do texto lírico acentuou-se sobretudo e ganhou fundamentação a nível da metalinguagem do sistema literário com o simbolismo, que rejeitou o pendor descritivista e narrativista dos parnasianos e advogou uma estética da sugestão: em vez da linguagem diretamente referencial, com que expressamente se nomeia o real, a linguagem alusiva e plurissignificativa, que envolve de mistério os seres e as coisas; em vez do significado preciso e delimitador, a evocação sortílega. A sintaxe rigorosa dissolve-se e a poesia lírica tende assintoticamente para a música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A riqueza poética e linguística de Thereza Kolbe apresenta-se aqui como um objeto de estudo, apreciação e valorização. Dessa forma, a leitura e exploração analítica e crítica da poesia brasileira contemporânea produz conhecimentos ímpares, pois abrangem aspectos teóricos, assim como a subjetividade de cada leitor, contribuindo para seu melhor entendimento e recepção criativa.

A obra poética de Thereza, especialmente em *Livro do rio* e *Do mirante*, explora muitos recursos naturais típicos da brasilidade, especialmente mares, rios e cachoeiras. Transcender esses significados a uma esfera subjetiva demonstra muitas faces da cultura brasileira e também a universalidade de sentimentos humanos. O foco lírico nas águas demonstra a riqueza natural do país, assim como a criatividade de Thereza ao utilizar determinadas figuras e recursos de linguagem para explorar esse universo.

Além da grandiosidade do gênero lírico, ele também é capaz de se relacionar de forma muito próxima com a música, principalmente por causa dos recursos de rima e ritmo. Além disso a musicalidade poética pode ser desenvolvida e trabalhada em todos os níveis da educação básica. Essa é uma das formas de aproximar alunos e leitores das mais criativas e mais complexas manifestações escritas da língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. Teoria da literatura. 8ª ed., 7ª. Reimpressão. Volume I. Coimbra. Livraria Almedina, 1993.

ANDRADE, Eugenio de. Poesia e Prosa. Volume II. Lisboa: O Jornal; Limiar, 1990.

ARISTÓTELES. Arte Poética e Arte Retórica. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro. 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. (BNCC. Língua Portuguesa – Ensino Fundamental – Anos iniciais.)

COSTA, Alexandre. *Heráclito – fragmentos contextualizados*: tradução, apresentação e comentários. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio: O dicionário da Língua Portuguesa/ Aurélio de Buarque Holanda Ferreira: coordenação de edição Manira Baird Ferreira. 8ª ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. Tradução Marise M. Curioni. São Paulo: Duas Cidade, 1978.

HEGEL, G.W.F. *Estética*. Paris, 1994. Trad. Silvio Rosa Filho.

KOLBE, Thereza. Livro do Rio. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

KOLBE, Thereza. Do mirante. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

KOLBE, Thereza. 7(t)imo livro: 77 poemas escolhidos – The 7(th) core book: 77 selected poems / tradução: Luiz Angélico da Costa. São Paulo: Attar Editorial, 2012.

MARTINS, Marcus Vinícius Silva. O pensamento de Heráclito: uma aproximação com o pensamento de Parmênides. 2007. 105 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

TORRES, Regina Celi Wenzel. A personificação no texto acadêmico-formal: uma abordagem cognitivista. Dissertação de Mestrado em Letras (área de concentração: Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora – Minas Gerais, 2003.